

Editorial

A Revista de Psicanálise da SPPA tem o compromisso com a publicação de artigos que refletem o pensamento psicanalítico profundo, fundamentado e atualizado. Desempenha um papel importante na ampliação e transformação da Psicanálise. É longo o caminho entre os processos que começam com as inspirações autorais e culminam com a publicação.

Dana Birksted-Breen¹ (2013) referiu que um artigo é sempre um diálogo consigo mesmo e entre autores, supervisores... trata-se de um processo de pesquisa que desencadeia questionamentos desde o início dando seguimento para a pesquisa. Quando se produz um artigo, escreve-se sobre ideias que nascem não somente da clínica, mas do próprio processo de escrita, as quais-quase sempre seguem rumos próprios, muitas vezes não planejados.

Refletindo acerca das precondições para o desenvolvimento desse pensar psicanalítico, principalmente quando se abordam estudos acerca do *trauma*, deparamo-nos com um emaranhado complexo de variáveis.

O número atual, *Trauma e sobrevivência psíquica*, foi pensado pela Comissão Editorial com a proposta de retomada do conceito de *trauma*. Polissêmico e presente na história da literatura psicanalítica, referido conceito dialoga diretamente com as urgências da clínica contemporânea relativas à sobrevivência psíquica na busca pela transformação dos excessos.

A capacidade de sonhar, imaginar e pensar é um recurso precioso em tempos nos quais preponderam vivências impensáveis. Esse lento, trabalhoso e delicado processo de transformar o *indigesto* com vistas à integração e à ampliação inicia sempre de forma gradual antes de adquirir força e direção.

A escrita psicanalítica acompanharia tal modelo? Seria esse o caminho inicialmente percorrido pelos autores?

Abrimos nosso número temático com um *ensaio* que literalmente emerge da inundação – nada metafórica – vivida pelo estado do Rio Grande do Sul em 2024. Um encontro de duas mentes, criativas que com base nas primeiras *reveries* que através de uma série de imagens e sonhos-possibilitou transformar o irrepresentável nas vivências traumáticas.

Em *O (im)pensável e o tempo anacrônico*, Thomas H. Ogden e Idete Zimmerman Bizzi generosamente compartilham o processo por eles vivenciado em supervisão ocorrida em meio à enchente que devastou nosso Estado. Desenvolvem

¹ Editora-chefe do International Journal of Psychoanalysis (2007-2022).

Ana Cristina Pandolfo

uma integração entre três escritos, revelando a importância do pensamento psicanalítico, principalmente sob circunstâncias extremas. Ampliam os recentes conceitos de Ogden (2024) sobre tempo diacrônico e sincrônico, incluindo o tempo anacrônico: um tempo morto e a serviço de um não-pensar. Publicado na versão *online* também em inglês, os autores e a revista de Psicanálise da SPPA estendem estas reflexões a um público ampliado.

Da Itália, a psicanalista Laura Ravaioli tendo vivido experiências de inundações em sua cidade, nos envia *A vulnerabilidade do psicanalista e do setting diante de catástrofes ambientais*. A autora reflete sobre as consequências desse trauma compartilhado, em especial na restrição do campo de observação e na busca por manter a estabilidade do *setting*.

Judy K. Eekhoff fundamenta-se na abordagem de Ferenczi em *Catástrofe e criatividade: da fragmentação à emergência*, diferenciando catástrofe de trauma, ao mesmo tempo em que desenvolve de forma teórico-clínica a ideia de que a busca pela verdade pode resultar tanto em rupturas dolorosas quanto em transformações criativas. Salienta que, se a verdade for silenciada, isto irá gerar efeitos devastadores.

Trauma e sobrevivência psíquica, de autoria de Anette Blaya Luz, é um artigo que, de forma clara, apresenta a metapsicologia do trauma proposta por Sándor Ferenczi, complementada por ideias de Winnicott sobre o tema. Aborda também as necessárias mudanças na técnica de forma teórica e clínica.

No artigo *Entre lamas e inundações: testemunhos da crise climática à luz da psicanálise*, Bruna Mello da Fonseca, Luana de Castro Flores e Luise Toledo Kern investigam os impactos psíquicos e reais das enchentes no Rio Grande do Sul em maio de 2024, afetando a cidade, a clínica e as relações entre analistas e analisandos. Defendem a necessidade de uma elaboração tanto individual quanto coletiva do trauma, reconhecendo que, além do evento natural, é crucial enfrentar estratégias necropolíticas e o capitalismo de desastre.

O traumático no contexto social é abordado em dois artigos. A vivência de supervisão e trabalho psicoterapêutico com crianças em instituições de acolhimento, bem como a relevância e eficácia do método psicanalítico em contextos sociais desafiadores e hostis, são abordadas no artigo *Psicanálise: uma companhia viva no percurso de acompanhamento e atendimento de crianças institucionalizadas*, de Elaine Izildinha Saccochi Cardin. Em *Traumas e intervenção psicanalítica: um retrato da clínica emergencial do Grupo de Atendimento COWAP-Brasil*, Mariangela Relvas Pinto, Rosa Sender Lang, Daniel Filipe Mendes Matias, Ednéia Albino Nunes Cerchiari e Graciela Huecu Maldonado Loch nos apresentam o trabalho do Grupo de Atendimento e Pesquisa da COWAP Brasil, que oferece

apoio *online* voluntário às mulheres vítimas de violência intrafamiliar. A análise de um caso clínico destaca como traumas profundos dificultam a representação psíquica, exigindo abordagens baseadas em Ferenczi. Concluem que a discussão clínica em grupo e a psicanálise têm um papel essencial na responsabilidade social.

Marcela Mello Ranier, em *Adolescência em cortes: mutilando traumas ou buscando sentido de vida?*, traz à tona a questão da automutilação como uma forma de expressar e elaborar o trauma, em especial na adolescência, período de intensa desregulação emocional. A automutilação pode ser um apelo à vida quando o sofrimento não encontra expressão no mundo simbólico.

Em *Considerações sobre guerras, mulheres e corpos desumanizados*, Mariana Bassoi Duarte, Allan Martins Mohr, Suzana Duarte Santos Mallard e Maria Emilia Marques discutem o papel do *Apoio entre Pares* na reconstrução identitária de mulheres migrantes e refugiadas de conflitos armados. A análise de uma entrevista psicanalítica com uma jovem sobrevivente de queimaduras evidencia como a guerra reforça desigualdades de gênero e silencia vítimas. O estudo conclui que espaços de fala e escuta são essenciais para enfrentar a desumanização.

A seção *Temas Diversos* brinda o leitor com três trabalhos instigantes.

Através da obra *Grande Sertão: veredas*, de Guimarães Rosa (1956/2019), Elias Mallet da Rocha Barros apresenta como pode ser possível realizar uma reflexão psicanalítica sobre a vida, através de uma abordagem psicanalítica contemporânea voltada à reinterpretação das experiências passadas e presentes, evitando a repetição do passado. O inconsciente como um campo de possibilidades no lugar de um reservatório de conteúdos reprimidos, assim como a jornada de Riobaldo comparada ao processo psicanalítico, transformando o sofrimento em uma narrativa que enriquece a autocompreensão, são algumas das contribuições desse artigo.

Seguindo a inspiração literária, Luís Claudio Figueiredo discorre sobre campo superegoico e formação de diferentes figuras de superego em *Duas vozes superegoicas nos Lusíadas de Luiz de Camões, e mais uma em Fernando Pessoa*. Através dos personagens, o autor identifica diferentes formas de superego: prudente e inibidor, absoluto e destrutivo, e amoroso e protetor. Discute também como trabalhar terapêuticamente com essas variações, considerando a interação entre o quociente pulsional e o cultural.

Paula Ferreira Alves, em *O brincar como ferramenta clínica frente às formações tirânicas do Superego*, discorre sobre como fatores contemporâneos, principalmente o fluxo de informações e a exigência de produtividade, intensificam o fracasso e a melancolia ligados à tirania do Superego. Com base em André Green e Byung-Chul Han, discute os sintomas psíquicos individuais e coletivos

Ana Cristina Pandolfo

gerados por tais fatores. Considera que a prática psicanalítica valoriza o brincar e a criatividade como ferramentas terapêuticas para elaborar traumas e promover a integração psíquica, com base nas ideias de Winnicott.

A seção *Psicanálise em Diálogo* apresenta *Notas sobre a alma do solo no Brasil*, uma inquietante (e importante) interlocução com a ecologia. Segundo a editora dessa seção, Elena Tomasel, a autora retoma pensadores como Goethe, Guattari, Agamben e Krenak para discutir o desastre ambiental anunciado há décadas. Freire critica a visão da natureza como objeto externo, relacionando as crises ambientais à ausência ancestral que estrutura nossa sociedade. Destaca como a necropolítica e o racismo estrutural nos tornam incapazes de lidar com a abundância do Brasil, além de refletir sobre a dualidade mítica da terra: Gaia (superfície) e Ctônia (subterrâneo).

Na seção *Resenhas*, Angela Wirth nos apresenta, de forma detalhada, as últimas atualizações e acréscimos do *Textbook of psychoanalysis* (2024) editado por Gabbard, Litowitz e Williams.

Para finalizar este editorial e introduzir o leitor no clima que envolveu a construção desse número, apresento uma amostra daquilo que pode ter ocorrido a muitos dos autores que aqui publicaram os seus trabalhos: as primeiras *reveries*, imagens, sonhos e tentativas de dar representatividade para algo que, naquele momento, era irrepresentável em sua clínica.

Tomo, assim, a liberdade de trazer uma produção artística – a gravura *Guernica Gaúcha* do cartunista Rafael Correa.



Figura 1: *Guernica gaúcha*, Rafael Correa (2024).

Assim como muitos dos artigos aqui publicados, esta obra foi realizada durante a tragédia – inundação – que acometeu nosso estado, deixando 80% deste território submerso por águas, terror, destrui o e desamparo.

Considero a obra uma expressão de sobrevivência através de encontros humanos verdadeiros e sensíveis, assim como a utiliza o da arte, pois, conforme Nietzsche (1887/2012), a *arte* existe para que a realidade não nos destrua.

Iniciamos esse número da Revista com trauma e inunda o. Percorremos artigos que discutem vivências de excesso na clínica, no desamparo precoce, no âmbito social, no feminino, no corpo, na guerra e em nosso planeta. Autores de todos os *cantos* enviaram contribui es, compartilhando suas transforma es nesse espaço que busca sempre integrar, de forma científica e profunda, ideias atuais. Concluímos com arte. Artigos psicanalíticos inspirados na literatura e, por fim, a *Guernica gaúcha* (2024), representando o sentimento que Rafael Corrêa me referiu em comunica o privada: “Durante a enchente, me impressionou demais a imagem do cavalo Caramelo em cima do telhado. Sobreviver em meio   inunda o... Imediatamente lembrei da *Guernica* do Picasso e resolvi fazer uma versão da tragédia gaúcha”. Picasso, Camões, Guimarães Rosa, Rafael... e os demais autores desse número dedicado tanto ao trauma como   sobrevivência psíquica... todos talvez sejam como os *telhados* que nos auxiliam na transforma o dos excessos.

A Comissão Editorial deseja a todos uma leitura que propicie elabora es! □

Referências

Birksted-Breen, D. (2013, 17 de dezembro). *Dana Birksted-Breen* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=m1Y3C6EBXbQ>

Correa, R. (2024). *Guernica gaúcha* [pintura]. Porto Alegre, RS, Brasil.

Gabbard, G. O., Litowitz, B. E. L. & Williams, P. (Edit.). (2024). *Textbook of psychoanalysis*. 3. ed. Washington, DC: American Psychiatric Association Publishing.

Nietzsche, F. (1887). *Fragmentos póstumos: 1887-1889* (Vol. 7). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

Ogden, T. H. (2024). Rethinking the concepts of the unconscious and analytic time. *International Journal of Psychoanalysis*, 105(3), 279-291.

Rosa, J. G. (1956). *Grande sertão: veredas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Ana Cristina Pandolfo

Editora-Chefe da *Revista de Psicanálise da SPPA*